

7  
CADERNOS  
COLONIAS



Rapaz de Manufai

A TERRA, AGENTE E OS  
COSTUMES DE TIMOR  
POR  
PAULO BRAGA

150

CADERNOS COLONIAIS

N.º 7

---

PAULO BRAGA

**A TERRA, A GENTE E OS  
: COSTUMES DE TIMOR :**

---



**EDITORIAL COSMOS**

Rua do Mundo, 100, 2.º

**L I S B O A**

---

**NORTHERN TERRITORY UNIVERSITY LIBRARY**

*Este Caderno fala da mais distante e desconhecida colônia de Portugal—e é um simples apanhado de impressões.*

*Não pretende esgotar um assunto.*

*Não pretende, sequer, delinear-lo.*

*Obra de momentos, constitui apenas uma série de quadros escolhidos ao acaso de recordações da vida timorense, duma vida demasiadamente sugestiva para se poder descrever com limites de tempo e de espaço.*

*Uma outra ideia nos anima. Para quando? Para breve, talvez. Timor é uma fonte inextinguível de sugestões. Sentimo-las e jámais as poderemos esquecer—porque as sentimos sofrendo. E se é verdade que esse sofrimento não derivou da dor física, da dor do doente ou do escravo dum destino sem humanidade, derivou, contudo, duma dor espiritual que foi angustia, estado de alma, chaga continuamente aberta na sensibilidade, feita de ansiedades e da inquietação indizível da vida do Oriente e da vida de Timor—quando a vivemos com o cérebro e o coração entregues ao decorrer das horas sem espaços em branco, sem vácuos, sem instantes que a alma não sincronise.*

*Entretanto, aqui ficam estas paginas de recordações de dias vividos sob os trópicos, cheios de luz, cheios de sons, cheios de vida, de dias feitos de horas diferentes—mas que nem por isso deixaram de sêr dias que se viveram e já passaram.*

A terra, a gente e os costumes de Timor... —*uma coleção de tópicos, afinal!*

Lisboa

PAULO BRAGA



## A 8.º latitude S—125º longitude E

O semanário francês *Gringoire*, antecedendo uma reportagem de Ferri-Pisani na Austrália, escreveu um pequeno introito que termina por estas palavras: — «A Austrália está nos antípodas da França... Não é já uma pequena aventura ir visitar a Austrália?».

Se os intuitos que nos levam a escrever estas crónicas fôssem, apenas, os de fazermos um reclamo turístico, género Baedeker, género Cook's, diríamos: — «Timor é um país de sonho e encantamento, perdido em planícies verdejantes e montanhas floridas. Timor atrai e perturba — e, ali, é belo sonhar á sombra dos tamarindos em flôr, aspirando a brisa dos palmares, o perfume estonteante do sândalo e dos cafezais. Timor tem estradas, que os automoveis percorrem e donde se disfrutam os mais bellos panoramas que existem. Timor tem montanhas da altura dos Pirineus, sulcadas de precipícios, cheias de ravinas pletoricas de seiva. Timor possui os melhores dos nossos climas coloniais, alguns superiores aos da metrópole. Pode ser o *terminus* duma viagem por terras e por mares do Oriente. Timor está nos antípodas de Portu-

gal... Não é já uma pequena aventura ir visitar Timor?»

E não exageraríamos...

\*

No Oriente, num dos extremos do arquipélago de Sonda: Timor.

Por toda a parte, sinfonias de côres, sinfonias loucas de perfumes, como nos arco-íris, como nos templos budistas. Depois, uma natureza primitiva — onde tudo é inédito, onde tudo é diferente. O instinto dominando as convenções, a verdade genésica ainda vitoriosa ante os preconceitos. Hábitos quentes, sensualidade, perfumes violentos da terra sob o sol ardente dos trópicos. Luz. Impressões voluptuosas. Superstições.

Correm inquietas, dolentes às vezes, alucinadas quasi sempre, as águas das ribeiras, turistas das escarpas, caminheiras em delírio, ansiosas por um fim, pelo abraço do mar. Revolvem-se á volta dos troncos das árvores e á volta das fragas; arrastam pedaços das margens; alargam-se nas planícies quando o inverno chega. Depois vem o verão, e não se vêem. Dir-se-ia que foi o mar que as levou.

E as ribeiras são símbolos...

Símbolos da vida do Oriente.

Símbolos da vida de Timor.

Ansias de viver, de sentir-se a vida em haustos de loucura, no ambiente que ou morfiniza ou excita. A seguir o descanso, o fim. Enquanto se vive, luta-se; e quando a luta termina a Vida acabou.

A vegetação cresce, cresce. Parece querer conquistar a altura, hirta, ansiedade de infinito. Na terra, a seiva é uma força sem limites, uma força latente e inextinguível. As raízes são bocas, as bocas das plantas. Para que muitas bocas, se a seiva que uma só recebe sustenta o caule esguio do milho e o tronco formidável do ingondoeiro?

Aproxima-se o vendaval — e cái o caule tenro, como derrúe a catedral de madeira e folhagem.

E' assim, tambem, na vida dos homens. Não há raízes fortes a prendêrem o sêr à terra. Não há o desejo de eternidade. A vida é o momento que passa. Por isso, talvez, o Oriente raramente ergue monumentos de granito para desafiar os séculos. Mas em nenhum outro lugar do mundo se vive como no Oriente...

\*

Almas sem raízes no tempo, são as dos naturais de Timor e, tambem, um pouco, as dos europeus que lá vivem. No Oriente, quando se é dotado duma sensibilidade, quer se tenha nascido na Europa meridional, quer nas regiões nórdicas, é-se oriental. Pode o português ir á América e ficar sempre português. Pode o alemão viver na Africa sem abandonar a sua índole teutónica. Mas nem o português, nem o alemão ou qualquer outra complexão de ocidental que vá ao Oriente vence a modificação que o ambiente cria no seu espírito. Wenceslau de Moraes, o poeta das paisagens românticas de Tokushima, é um exemplo. E é errado o pensamento de Loti ao afirmar que, num futuro próximo, o mundo terá uma só paisagem, uma só fisionomia, uma só expressão. O Oriente será sempre o Oriente. A paisagem é um estado de alma, — dizia Oscar Wilde. E os nossos estados de alma jamais deixarão de sêr aqueles que os ambientes nos dêrem!

\*

Timor!... Fica lá para os confins do Oriente, junto á Austrália, nos antípodas... Chamou-lhe Osório de Castro — *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*; outros cognominaram-a de *Antecâmara do Inferno* e de *Fantasma do Oriente*, talvez porque não a tivessem compreendido; e a maioria dos portugueses não possui uma mínima ideia do que seja aquela partícula dos nossos domínios coloniais — ultimo abencerragem duma vassalagem, de quasi três séculos, do Mar das Indias, — e visionam-a como se



fôsse apenas uma terra de presídio, perdida em primitivismo e vagas de sol ardente. Não se exagera se se disser que novecentos e noventa e nove por mil dos portugueses desconhecem absolutamente Timor, ou têm sobre esta colónia uma impressão distante das realidades, adquirida nos livros das escolas e nas conferências da Sociedade de Geografia. Depois, pouco se tem escrito sobre ela; — e, deste pouco, muito não passa de vulgares manifestações de pretenciosismo, nem sequer justificáveis num fim nobre que movêsse as penas ao redigí-los.

Entretanto, Timor vale um mundo de sugestões...

\*

Quási esquecida, herança dum ciclo histórico de navegação e conquista e dum império que o tempo e os erros históricos foram diminuindo sempre, a colónia da Oceânia lembra-nos mais o espírito comercialista e colonizador da nacionalidade do que a sua tendência guerreira.

Ano a ano, dir-se-ia passo a passo, a penetração fêz-se quási sem luta. Uma ou outra caravela, conduzindo mais missionários do que soldados, procurou aquelas paragens de infieis a cristianisar e de sândalo e tamarindo para enriquecerem os herois e a nação. E talvez que, ao aportar às costas de Timor, de Solor, de Alor e das Flores, os navios jamais vissem as azagaias e os *túric* indígenas, mas sómente os *beiros* timorenses e as *corcôras* arabes com carregamentos de cêra e mel, de madeiras preciosas ou de pepitas de ouro colhidas nas areias das ribeiras, para as trocas com os produtos idos dos mares de Java e Samatra, de Malaca ou de Ceilão, da Índia e da Pérsia longínquas. E a conquista missionária foi fácil e proveitosa ante a predisposição daqueles povos semi-selvagens para apreenderem as inovações e os processos duma existência mais civilisada. A palavra dos missionários fêz-se ouvir, chamando adeptos, procurando criar um ambiente diferente para uma raça definhada pelo alcool



e pelas orgias que sempre coroavam os *estilos* e os *tébedas* numa ânsia louca de prazer, de renúncia e entorpecimento mental. Só a volubilidade e a inconstância, que caracterizam os timorenses e os povos afins, prejudicaram a acção evangelizadora e a tornaram mesmo inútil. Impossível seria existir um missionário ao lado de cada indígena. E, sempre, quando acabava de ouvir a voz do catequista, o timor começava a misturar os ensinamentos recebidos com as superstições ancestrais, com as suas cerimónias *lúlic*, com as feitiçarias que tanto o emocionam.

Em vão, por isso, ecoaram, de Koepang a Manufai e a Lautem, de Tibar a Bétano, na planície e nas culminâncias do Teta-Mai-Lau e do Cablac, as vozes dos religiosos. Foram sempre tolerados e respeitados, como o são os feiticeiros e os *catúas* dos sucos. Veneraram-os. Hoje, contudo, quatro séculos passados, pode considerar-se nulo o ideal cristão na mentalidade timôr — e só a interferência das autoridades, após a conquista *de facto* terminada em 1912, tem conseguido lançar alguns diques ao encaminhar para os abismos duma decadência exterminadora que parecia orientar o destino duma raça.

Uma ansiedade de vida fácil e agradável, sem trabalhos e sem preocupações, dirige a mentalidade timôr. E o verbo que lhe pré-gavam era complicado e procriador de importunos problemas espirituais...

\*

No remanso dos palmares, a vida decorre em caricatura de paradisíacas mansões. O sol aquece e as sombras são doces e convidam ao sono. Dos caféeiros pendem os frutos que refrescam e nas bananeiras há sumo vivificante e alentador. O milho e o *néli* nascem da terra e frutificam sem darem cuidados. A raiz da mandioca é saborosa. A *canipa* e a *tuaka* embebedam e criam visões estranhas, visões que deleitam, e uma sensação de pêso no corpo que invoca a sonolência. A máscara de arêca e

cal queima a boca, é amarga — mas vicia. O tabaco ergue espirais azuladas de fumo, espirais lânguidas, voluptuosas na graça harmoniosa das linhas curvas. E nos *estilos*, com o resoar monótono e monocórdico dos bombos cavados em troncos de árvores, o corpo revolve-se em movimentos ritmicos e sensuais e as vozes erguem-se, ora dolentes, ora em gritos, enquanto o luar se espalha sobre a terra e as fogueiras brincam em reflexos vermelhos com a noite escura.

Para excitar os nervos, há a luta de galos, esfusiantes de alegria, replectas de entusiasmo, com apostas e alaridos. E se é verdade que já não deflagram as guerras entre os reinos e já se não realizam as avançadas sobre territórios inimigos, semelhantes a fossados de extermínio e vingança, com os raptos das mulheres, o roubo dos búfalos e o decepar das cabeças dos prisioneiros, continuam, apesar de tudo, a existir os *barlaques*, as cerimónias fúnebres, as questões de justiça... Mais nada? Mas, assim, a vida é bela, e vive-se — porque se vive de qualquer forma quando não se têm grandes aspirações e se têm tudo quanto se deseja sem penoso esforço para o adquirir.

E entretanto, quasi sem se sentir, tudo vai sendo diferente do que foi outrora. O europeu, ao colonizar, quer que os indígenas tenham as suas casas e as suas hortas e mobiliza-os para abrir e conservar estradas, para os carregamentos, para o serviço militar... Incita-lhes a vaidade, principalmente a das mulheres. Leva-os a desejar um pouco de luxo, de riqueza, de comodidade e civilização. Exige-lhes o imposto.

E no remanso dos palmares começou a viver a inquietação, essa inquietação que produz e cria, que é a alavanca de todos os progressos, de todas as ansiedades de redenção. O timor aprende a trabalhar. E o seu espírito criador encaminha-se para mais além das suas necessidades primitivas de selvagem esquecido no *laissez faire*

*laissez passer* de fatalistas predisposições. Deseja. Pensa na forma de satisfazer os seus desejos. E vê um novo ritmo na sua existência.

\*

Colhendo os bagos de café, com a unção mística de quem colhe rosas, demoram-se as indígenas nas plantações. Apenas a *lipa* lhes desce da cintura aos pés. O resto do corpo conserva-se nú. Do peito, trêmulos, sobressaem os seios. Longos cabelos negros caem-lhes sobre as costas. E quando levantam os braços para a ramaria dos caféeiros, os seios erguem-se em oferta.

Sobre os cestos vão caindo os bagos do café...

Pelos caminhos e pelas estradas, passam os indígenas. Simples na indumentária: — quasi sempre, uma ferida numa perna, um galo sob o braço e uma faca presa á cinta por um cordel. Um galo, uma ferida e uma faca é a definição sintética dum timor.

E os galos, como as cotações da Bolsa, como os cavalos nos hipodromos, valem sonhos e esperanças...

Nas ruas de Dili e nos *bázares* desfilam as *nonas*, saltitantes nas sóquinhos e nas sandálias, reluzentes nas sedas e no ouro dos cordões, das cruces e das escravas. São as amorosas de Timor, semelhantes ás amorosas de todo o mundo, talvez mais exóticas e mais originaes. Desejos de penumbra, de frescura e solidão.

E as ruas de Dili e os *bázares* são como as ruas Aurea e Augusta, do Carmo e Garrett, como a Bennard, o Tívoli, o S. Luiz...

Depois, a noite vem: noite do Oriente, noite dos trópicos, misteriosa e sensual; noite escura com as estrélas a brilharem em alucinações estranhas, ou noite branca com as sombras e as silhuetas dos montes a desfazerem-se em luar.

Ao longe, murmura o mar junto á praia e junto ás rochas. Pipiam os pássaros e gritam, sonolentos e nostálgicos, os *toqués*. Ardem as queimadas nas encostas e



nas arestas das montanhas. As cigarras e os grilos e uma infinidade de insectos, cantam, cantam incansavelmente. Mas um eflúvio de serenidade paira sobre as coisas. Apetece seguir com os olhos o fumo dos cigarros, deixar cair o pensamento num sonho infindo e dôce. Apetece amar, a todo o momento, indefinidamente, enquanto a sinfonia lancinante dos rumores vagos, dos sons indistintos, dos milhões de vidas dispersas na natureza, lembra ansiedades de heroísmo e hinos de epopeia.

Às vezes, do mundo dos rumores vagos, elevam-se, pouco a pouco, conquistando o ambiente, assoberbando as almas, as canções dos *estilos*. Pungentes, agressivas, parecem brotar da terra, do fundo de catacumbas. E a Vida, como se se fizesse evoluar no ritmo e no som, impele-nos para um desejo estésico de nirvanismo e renúncia, para um ideal fatalista de socêgo e silencio.

Um outro dia vem — e o sol desflora a terra e calcina as pedras, lançando fogo e luz sôbre a planície e sôbre os vales. Pesados e monstruosos, os búfalos atolam-se na lama, virando o humus, revolvendo a lama dos arrozais. Perfurando a montanha, violando as florestas, avançam as estradas, os fios dos telégrafos e dos telefones. Germinam as sementes nas hortas. Nas povoações, surgem as escolas, as enfermarias, os edifícios dos *bázares*. Pastam os rebanhos e as manadas. Plantam-se, aos milhões, os caféeiros, as árvores da borracha, a canela, a baunilha, o sândalo. Trabalham as fábricas de descasque do café e do arroz, as fábricas de sabão e de refrigerantes... No mar, pequenos barcos estacionam na pesca.

E isto é a Vida, uma Vida como a que existe em toda a parte, a Vida de Timor, nos confins do Oriente, junto à Austrália, nos antípodas...



## Aspectos da vida indigena

### A EXISTENCIA

E' um mundo diferente do nosso. Ao principio, não o compreendemos bem — e julgamo-nos inadaptados. Depois vamo-lo conhecendo e vamo-nos sentindo presos pelo ambiente. Então amamo-lo, sentimo-lo, vivemo-lo... Tem-se a impressão de que a nossa alma se modificou, se transformou. Deixamos de ser ocidentais, porque o ambiente nos deu uma outra alma ou estados de alma diferentes dos que tínhamos. Esquece-se. Alguma coisa se cria em nós que apaga o que antes eramos, porque duas almas raro podem subsistir no mesmo involucro material. E se é verdade que a alma que perdemos se há-de readquirir um dia, verdade é também que ela não deixa de sofrer as consequências de sensações e imagens que teve e observou.

Isto pode acontecer em qualquer parte. Mas, mais do que em qualquer parte acontece nestas paragens longínquas do Oriente. Timor é uma partícula do Oriente. E', mesmo, um dos mais belos e originais recantos do Oriente. Há nele cenários virginaes para os nossos olhos, ce-

nários que a Civilização não pincelou ainda de modernismos. A ideia que os livros nos deram aparece errada, estranha às realidades. Os livros descrevem—mas raras vezes nos fazem sentir. Existem, também, coisas que não se traduzem em palavras, coisas que só se conhecem quando se vêem. Para mim, o Oriente — e no Oriente: Timor — surgiu na virgindade estésica de um mundo que a minha imaginação não vislumbra. Surgiu no encantamento das coisas que se vem pela primeira vez. E, impregnada de novas sensações e de novas imagens, a minha alma pôde compulsar qualquer coisa de inédito nesse mundo que não architectara em visões de horas de meditação, em sonhos de momentos de ansiedade e inquietação. Não tive, por isso, desilusões, castelos de cartas a derruir em face das realidades.

Depois, amei o Oriente e amei Timor. Olhei para este mundo novo com olhos de ver, com o coração predisposto a sentir. Jamais me arrependi, porque, ao deixá-lo, tinha no meu coração uma recordação grata, uma saúde. E quando se possui um saúde...

\*

Esqueci a *Brasileira*, a rua do Ouro, o *Tivoli*, o *Nacional*. Lembrei-me inumeras vezes do Jacinto, do Principe da Boa-Ventura da *Cidade e as Serras*, e tive o prazer de notar que era dotado de outras predisposições. A minha vida não emperrou no enferrujamento da *gilette*, nem na ausência dos taxis e dos electricos. E quando visionava selvagem o palco da minha existencia, convenia-me facilmente de que deveria ser selvagem também. Foi este meu modo de ser que encheu de notas o meu diário de vagamundo e de impressões a minha alma em horas de aventura.

E porque não deveria ser assim? Se em Robinson Crusoe houvesse um pouco mais de realidades crueis e menos de imaginação providencial, eu consideraria Robinson um grande exemplo e as suas aventuras dignas

de serem lidas e meditadas nos portalós dos navios... Entretanto, neste mundo que vivi durante algum tempo, a vida nem sempre foi um pesadelo. Encontrei estradas, telefones, automoveis, grafonolas, rádios e livros... Um alfaiate fez-me os fatos brancos e um china miseravel vendeu-me sapatos de borracha e um capacete *made in Changai*. Tinha casa, cadeiras, um leito... A paisagem e a existencia selvagem, brutal, visionei-as quando as procurava o meu ideal desportivista de caminheiro ou de turista. O resto, era vida civilizada, vida vivida à europeia nestes confins misteriosos do Oriente.

Aqui encontrei alguém que, um dia, foi forçado a abandonar a Europa e se resolveu a viver na floresta virgem, à beira de um riacho infestado de crocodilos, apenas munido de uma espingarda, de alguns pacotes de polvora e chumbo e de uma colecção de anzóis. Construiu uma cabana entre a ramaria de uma árvore, em camaradagem com os ninhos dos morcegos. Quando o sol aperta, estira-se na frescura da cabana ou, sob a sombra perfumada de um tamarindo, esquece o tempo na diversão da pesca. Só por acaso um europeu passa junto à solidão da sua tebaida — e anos decorrem sem que encontre alguém com quem possa trocar impressões, falar, expôr desejos e ansiedades. Contudo, vive... Mas meu caro leitor, se compreendo o ideal que o levou a seguir este rumo de existencia, também compreendo que só é recomendável para dez ou vinte dias, seja para dez ou vinte meses. De contrario, deve ser horrivel, a não ser quando dentro de nós existe uma grande dôr que nos conceda um incomensuravel egoísmo.

Preguntei-lhe:

— Não pensa em voltar a Portugal?...

— Para quê? Lá custa tanto a viver!... — respondeu-me.

E, depois de uma pausa, apontando as papaieiras, os coqueiros e as bananeiras a vergarem ao pêso dos fru-



tos, a ribeira e o mar, os bandos de caça em vôo no espaço, continuou:

— E' mais fácil a existência aqui... E é mais doce!

Olhei-o melhor. Vestia-se à moda indígena: apenas uma *lipa* que, presa à cintura, lhe cobria o corpo até aos pés. As barbas longas denotavam um último corte, feito, certamente, com uma faca. A cabeleira revôlta confundia-se com as barbas, dando-lhe um aspecto patriarcal e ridículo ao mesmo tempo.

Junto à cabana, uma mulher indígena, nua, descascava arroz. E um garoto, lindo, de traços correctos, como são sempre os produtos das relações dos europeus com as naturais de Timor, coberto de lama por ter andado a brincar num pântano, mastigava milho cozido e dobrava mais os cantos das folhas de um *a b c* desoladoramente sujo.

Preso aos ramos de uma árvore, meio esquartejado e rodeado de moscas, secava um veado. Alguns peixes, abertos e espalmados, alinhavam-se na areia. De um coqueiro pendiam cachos de espigas de milho. Eram as provisões dêste Robinson espiritual de Timor...

Achei isto sobremaneira poético.

Mas o sol ia descendo no horizonte. Uma aragem fresca, repleta de odores suâves e excitantes afluía das hortas e dos montados. A caminho de um *estilo* passavam indígenas. Um grupo maior rodeava e empurrava um búfalo, próxima vítima de uma noite de orgia. E o meu cavalo, deitado na terra húmida, descansava já de uma tarde inteira de pastagem na pradaria.

Mastiguei um último pedaço de veado e bebi uma caneca de água fresca e mel. E, enquanto enrolava um cigarro e esperava que um *auxiliar* trouxesse o cavalo, fiz uma última pergunta:

— Não tem saúdaes da metrópole?

— Algumas... Deixei lá a companheira e os filhos...



Vi-lhe nos olhos uma outra expressão. E senti que ele, desde este instante, ficou desejoso de que me afastasse. Apertou-me a mão com força e quando, quasi sem o olhar, disse ao *auxiliar* para ir andando e me preparei para tambem iniciar a marcha, com a voz trémula, proferiu:

— Até nunca mais?...

Que legião de ansiedades existiria nessas três palavras!?

A custo, respondi:

— Quem sabe?! Talvez, sim, até nunca mais...

— Boa viagem!

— Adeus! Felicidades!

Ao transpôr o cêrro de um monte, olhei ainda para trás. Sôbre uma saliência dos rochedos, o meu eremita acenava com umas fôlhas. A seguir, transpuz o cêrro. Pouco depois, retrocedí. Sôbre o rochedo, sentado, com a cabeça entre as mãos, o eremita meditava. E' que, no fundo, a alma do civilizado não tinha desaparecido ainda e era uma fonte latente de sugestões e saudosismo.

\*

Em Timor um europeu pode vivêr assim. E é assim que vivem os indígenas.

Há qualquer coisa de edenismo na existência dos timores. Decorre serenamente, fácil e plena de realidades dôces, adquiridas sem esforços e sem preocupações. A terra desfaz-se em frutos. Os climas são agradáveis. As cubatas fazem-se com meia dúzia de ramos. Nos *bázars* vendem-se os ovos, o café, as hortaliças — que dão o dinheiro para a compra de mil coisas gratas aos olhos, as moedas de prata com que se fazem os ornamentos que enfeitam, as possibilidades de entrar nas apostas de lutas de galos. Restam as horas de ociosidade, as horas vagas. Então dorme-se ou procuram-se trabalhos que não exijam grandes esforços.

Se, de quando em quando, os *estilos* chamam as aten-

ções e os trabalhos obrigatórios do Estado impelem para alguns sacrifícios, grande número de dias ociosos restam em cada ano. Acabaram as guerras, as avançadas sobre os reinos inimigos para o saque das colheitas, o roubo do gado, o rapto das mulheres. O português, ao colonizar, impõe a paz e a harmonia entre os povos. Desapareceram os grandes *estilos* em que se decidia sobre os conflitos, em que as cerimónias *lúlic*, em invocação da vitória, se repetiam dias e noites seguidas, enquanto na fogueira crestava a carne dos animais e, ao seu lado, as latas de *canipa* esperavam que as bôcas sedentas fôsem esvasiá-las. Longe vão os tempos das orgias loucas que coroavam os *estilos*, conseqüências das danças, dos requiebrros contorcionantes dos rins, dos cansaços físicos, dos contactos e dos desfalecimentos sensuais. Distantes, muito distantes, ficam as horas vividas em ansiedades de animalidade e prazer que corroeram as mentalidades e fôram definhando uma raça, perdida em embriaguez e lubricidade. Os *estilos* das noites luarentas em que se reüniam os régulos e as comitivas, os estados-maiores dos exércitos e, às vezes, populações completas, para discutirem quanto à guerra contra os reinos inimigos ou contra a ocupação e a colonização portuguesa são, hoje, sómente recordações. Duas décadas decorreram já sem sublevações. A obra colonizadora realiza-se. O indígena vai-se aclimatando às exigências de uma outra existência cheia de preocupações, de desejos, de inquietação.

Entretanto, a serenidade, a apatia e o tédio pairam nos palmares e nas hortas. Estas, desenvolvem-se sem darem canseiras. Os caféeiros crescem nas plantações e frutificam sem que haja o receio das moléstias horrosas. O gado pasta nos montados e o milho nasce em benesses da terra preta das queimadas, apenas pedindo as mondas. E, fazê-las, vão as mulheres, curvadas na tarefa de arrancar as ervas. Depois, cai o orvalho. A terra remexida une-se e guarda a humidade. A seiva

corre nos caules tenros e a folhagem ergue-se verde e viçosa. Na verdade, a Natureza é mãe, uma mãe a todo o momento gloriosa na maternidade excelsa das colheitas.

E, quando à sombra das árvores e dos telhados, o sono, anda erradío, para vencer a ociosidade e o aborrecimento, o timor pega numa faca, que lhe serve de escôpro e cinzel, e num pedaço de madeira, de ponta de búfalo, de tartaruga; derrete a prata e o ouro; tira da água os feixes de cizal e as folhas de palmeira esfiapada... Senta-se. E, em excessos de paciência e perseverança, fabrica os pequenos artefactos da indústria indígena, os bonecos, os utensílios de *ménage*, os adornos. Com o cizal, mergulhado em tintas feitas por processos primitivos, arranja obras primas de graça e de ingenuidade. Molda a prata e o ouro para os enfeites das mulheres, as escravas, as pulseiras, os pentes para o cabelo, os cordões a que se prendem florins e libras. As mulheres tecem os *panos timores*, cheios de cores berrantes, profundamente característicos, bordam, fazem rendas replectas de delicadeza e suavidade. E um espírito imensamente artístico se manifesta em tôdas estas pequenas coisas.

Só as mulheres são ensinadas para a confecção dos bordados e das rendas. Os homens não têm quem os ensine e lhes desenvolva a mentalidade criadora. A instrução, ministrada pelas missões católicas, que possuem em Timor o monopólio das escolas, cinge-se quasi ao canto-chão e à formação de sacristãos e vadios. Contudo, da imaginação dos indígenas brotam artefactos que comovem pelo encanto e visão plástica que exteriorizam. Quando se aproveitar todo o potencial de emotividade das centenas de milhar de seres que vagueiam no desperdício de energias pela ignorância e pela ociosidade, a colonização de Timor será a mais bela das realidades da nossa acção civilizadora na Oceânia. Mas, isto só se



dará quando, em Timor, as escolas fôrem factos e o ensino uma utilidade. Por enquanto, pela *instrução*, os indígenas podem tornar-se santos, mas não se civilizam...

\*

Percorro mais uma vez, através as minhas recordações, a paisagem e a vida de Timor. Lembro as noites de luar, em que a terra adormece sob um manto branco de luz, as noites escuras com o cintilar lancinante das estrelas. Lembro a teoria infinita das horas vagas, das horas de sonho e das horas de tédio, em que olhei indolente o fumo dos meus cigarros e a hipertrofia dos meus sentidos impregnados dos eflúvios de um ambiente estranho. Recordo cenários de encantamento e alucinação, sinfonias de sons e ruídos indistintos, com acordes pungentes dos *estilos* e a orquestração delirante de uma natureza ansiosa de vida, de luta e eternidade. Oíço ainda o marulhar do mar junto às praias, o cantar das ribeiras ao descerem as escarpas. Vejo uma população inteira indecisa, temerosa, ao encetar os primeiros passos para um novo futuro em que a inquietação substitui a apatia e os desejos destroem a serenidade. Vejo aquela mulher nua, entretida a descascar arroz, companheira de um europeu anacoreta que vive longe do mundo e das exigências sociais. E, ao relembrar instantes em que vi outras mulheres na tarefa dos bordados e das rendas e homens distraídos a talhar a madeira, os chifres brancos ou pretos dos búfalos, a tartaruga e a prata macia, sinto saudades daquele mundo diferente do nosso, em que nos julgamos inadaptados, ao princípio — mas que, depois, começamos a amar, a sentir, a viver...



### III

## Aspectos da vida indígena

### OS «ESTILOS»

Lembro-me bem do primeiro *estilo* nocturno que vi em Timor...

Decorria o fim do inverno, quente, sufocante, com as suas chuvas torrenciais. Apressadamente, desciam sobre a terra as noites tropicais, quási sem crepúsculo, espalhando na montanha dilúvios de silencio e serenidade. Uma expressão plastica de suavidade irradiava a seguir das coisas vivas e das coisas mortas. Manchas de vermelho e oiro substituíam no horizonte o sol fugitivo... Então era dóce sentir o deslizar da aragem e aspirar o odor forte, quási consistente, das ervas queimadas, da baunilha, dos tamarindeiros e cafezais em flôr, que dela se desprendia a todo o instante.

Dia a dia, ao meu espírito desnudava-se cada vez mais assoberbante e magnífica a poesia dos anoiteceres na Montanha, aquela poesia estranha que parece emanar de catástrofes imensas desenroladas em lugares distantes, de catástrofes que não vemos e apenas sentimos:

uma poesia de epopeia, feita em ritmos heroicos, attingindo expressões de loucura: a poesia, enfim, da selva, vibrante e dinâmica.

Quási sempre, tinha a meus pés a planície — que, escondida na noite, era sómente uma sombra. Mas eu conhecia-a, e as sombras não tiravam dos meus olhos a planície infinita. Via os palmares silenciosos a erguerem as folhas verdes, semelhantes a mãos em preces. Via as casas de bambú e palapa entre os *pangares* de roseiras e trepadeiras, cheias de frescura, onde, junto ás portas, mulheres semi-núas descascam o *néli* e trituram o milho, rodeadas de garotos buliçosos e nus, cupidos nêgros, ídolos de bronze dum culto imaginário a Êros. E via os búfalos atolados nos arrozais e nos pântanos cercados de coqueiros e bananeiras, como via os proprios pântanos de águas quiétas e doentes, de febre e perdição. Porque se apagavam estas coisas nas sombras? Porque presentia todo aquele mundo compacto de verdura a escondêr-se na satisfação dum instinto de prazêr e procriação, com os ramos unidos e as raízes apertadas em amplexos de volúpia e êxtase? E pensava que, quando a manhã viesse, as coisas apresentariam uma fisionomia de cansaço e plenitude de desejos satisfeitos...

\*

Há uma expressão indefinível, simultâneamente de tranqüilidade e arrebatamento, nas noites do Extremo-Oriente. As estrêlas cintilam com fulgurações suplicantes, brilhando tão juntas que se misturam numa só luz. As montanhas são manchas de nanquim, silhuetas de paisagem chinesa, incrustando-se e confundindo-se umas nas outras. De onde a onde brotam as fogueiras das queimadas, semelhantes a tocheiros ardendo espectralmente num fundo de panos prêtos. Erguem-se as línguas de fogo em verticais que se dilúem no fumo branco. Depois ondulam. Depois apagam-se vagarosamente. Mas outras surgem...

E dos longes, vagamente, como se irrompêssem de cavernas, pungentes, harmonias de elegia e desolação, elevam-se as canções dos *estilos*. Recordam orações ressoando em naves dum templo imenso. E vão-se elevando, elevando... Mas, inesperadamente, cáem, como se se extinguissem. A vida parece prêsa ao som, indo para onde o som a quer levar. Mais uma vez, a melodia monotona do *estilo* se prolonga num grito que magôa. E, á volta das fogueiras, figuras nêgras vão caminhando, num vai-vem intermimo a que os reflexos vermelhos das chamas dão perfis monstruosos de *sabat* de duendes.

\*

Naquele dia, vi a noite caminhar em sombras definidas. E apeteceu-me ficar a olhar a noite escura, ouvindo a orquestração dos rumores vagos, dos rumores que são ansiedades de silencio.

Ao meu lado, o *panka* movia-se com um ritmo adormecedor; mas, pouco a pouco, as suas oscilações fôram perdendo a cadencia, como se o vencêssem intermitencias de fadiga. Por fim, parou de vez... Olho para o fundo da varanda; e, caído de bôrco, adormecido, com a corda ainda prêsa aos dêdos, vejo o indígena do *panka* — tambem uma sombra esquecida na penumbra. Uma respiração forte, ofegante, dilatava-lhe as narinas e engrossava-lhe de momento a momento o dôrso nũ, enchendo-lhe o peito de emanações quentes. Embriagado pelos perfumes da viração, só a custo abriu os olhos, fixando-os, indeciso, em mim e no *panka* parado.

— Vá toba, lailais!... (Vai dormir, depressa!...)

— Obrigado, senhor!

Levantou-se, deu uns passos, cambaleante, e foi cair mais além, num sono que só o alvorecer terminaria.

O Oriente! O Oriente!... Sonho, embriaguês e adormecimento!

E, sem o *panka*, a serenidade tornou-se mais profunda. Nem um estremecimento nas roseiras e nas arvo-



res. Só os sons lembravam que a vida existia: o som do repuxo no jardim, o alerta das sentinelas, o quebrar das ondas na praia, os rumores infintos dos animais no mato e a cadencia do *estilo*. E a vida parecia suspensa no encantamento da canção do *estilo*...

...como um veleiro de sonho sôbre um lago adormecido;

...como os reflexos do luar junto ás bicas das fontes;

...como pensamentos de amor na alma dum solitário.

✽

Depois aquela rapariga passou.

— Ha'u ba na bê? (Onde vais?)

— Ha'u ba uma lúlic, senhor... (Vou ao pomal...)

Era uma criança, quási. Talvez 13 anos. Talvez 18 anos. Não o sei dizer, porque, geralmente, é difícil precisar-se a idade das indígenas de Timor enquanto são novas. Os seios eram pequenos, a voz era doce e os cabelos eram negros... Nos braços tilintavam escravas e pulseiras de prata e marfim, seguindo-se umas às outras dos pulsos aos ombros. Nos cabelos lisos e reluzentes prendiam-se alfinetes encimados por florins. E quando lhe toquei no braço para vêr ao luar as pulseiras, dêle desprendeou-se um cheiro forte de sândalo, canela e ervas queimadas.

Havia qualquer coisa de leve no seu andar, nos meneios dos quadrís e no oscilar da cabeça sobre um pescôço alto e fino, — o que constitui um dos encantos da mulher timor que mais prende a atenção dos europeus e que lhes lembra um pouco as estilisações das palmeiras. Quási sempre de pequena estatura, as crioulas timorenses possuem, contudo, a flexibilidade peculiar ás mulheres altas e ás bailadeiras indianas, uma flexibilidade harmoniosa e fascinante como a das serpentes, criada na vida ao ar livre e no contorcionamento lascivo e cadenciado dos *estilos*. Desconhecem este atributo, ou o apagam

despreocupadamente, enquanto são muito jovens: mas aos treze e catorze anos, já familiarizadas com as preferências dos europeus, começam a sentir a imposição de o evidenciar. Começam a usar meias e a calçar chinelas que as tornam mais saltitantes no andar. E amam os *estilos* e os *bázares*, os passeios nas ruas de Dili e as deambulações ao pôr do Sol e ao luar nos caminhos e sob os ingondoeiros de Bidau e Lecidére, à espera que alguém goste delas...

Acompanhei-a para vêr o *estilo*.

Atravessâmos uma horta e, depois da passagem difícil duma ribeira que inundava as margens com as águas de três ou quatro horas contínuas de chuva, vimo-nos em pleno montado. Logo de princípio, ergueu-se á nossa frente um gigantesco ingondoeiro com o tronco circundado por um muro de metro e meio de altura. Ervas altas cresciam à sua volta e alguns arbustos distendiam ramos sêcos em que se enroscavam trepadeiras floridas. Dentro do muro, roseiras silvestres em época de floração bordavam rosários de manchas brancas e vermelhas. Entretanto, apesar do seu aspecto bucólico de ruína antiga, aquele ingondoeiro *lúlic* encerrava coisas profundamente téticas: despojos de guerra, centenas e centenas de cabeças decepadas, cuja visão nos leva a recordar o espectáculo máximo da vida timorense de há poucos anos ainda — o espectáculo das guerras entre os reinos e contra a invasão portuguesa, as discordias dos *liurái* e dos *datò*, com as consequências trágicas das chacinas dos prisioneiros em excessos horrorosos de canibalismo. A nossa imaginação reconstitui quadros, e vê as vítimas postadas em filas, enquanto os vencedores, ébrios, numa loucura demoníaca de selvagens, acordam os ecos das florestas com gritos de vitória e extermínio, empunhando os *túric* brilhantes ao sol como auréolas de santos. Depois, um a um, os prisioneiros avançam, com as mãos presas atrás das costas e com os olhos alucinados pelo

terrôr. Obrigam-os a curvar-se. E o alfange refulge em descidas rápidas, enquanto gritos de dôr se fazem ouvir. Por fim, cabeças que rolam e corpos que mechem os braços, que às vezes andam e tentam fugir, que arrefecem e ficam rígidos. Como trofeus, erguem-se as cabêças de órbitas salientes, de línguas saindo das bôcas, de expressões patéticas e horrorosas de espanto. A' volta duma árvore, no interior duma parêde circular, algum tempo depois, florescem roseiras e glicínias, crescem as ervas e rastejam os reptís... E em toda a ilha existem centenas de monumentos assim, definindo a história de muitos séculos, a história de uma raça decadente que vê neles a sua epopeia.

Muito perto de mim, trémula pelo mêdo, a rapariga desviava os olhares daquêle recanto fúnebre. Sentia-lhe o côrpo junto ao meu côrpo, procurando uma proteção. A morte e os mortos são os maiores motivos do terror indígena. E, não sei porquê, tive o desejo cruel de arrancar da profundidade enigmática do muro o primeiro objecto que a minha mão encontrasse. Quando o luar incidiu sôbre uma caveira, a rapariga soltou um grito e fechou os olhos, cobrindo-os com as mãos.

— Maromac!... Maromac, senhor!...

Sorri... porque, na minha qualidade de europeu, era superior à ira do Maromac; mas, conjuntamente, senti em mim um desgosto infindo por ter satisfeito aquele estranho e sacrilego desejo.

A seguir reiniciámos a marcha. Foi necessário atravessar um montado de capim, tão alto que, como arcos duma abóbada, se recurvava sôbre as nossas cabeças e nos escondia o céu. De instante a instante, ouvia-se o deslizar enervante das cobras e o esvoaçar sonolento dos pássaros na ramaria que afastávamos à passagem. E, pouco depois, surgia á nossa frente um *pangar* fechando uma clareira de terrenos cultivados.



Ao fundo, uma casa e uma fogueira.

Chegámos, finalmente, á *uma lúlic*, á casa sagrada ao pomal.

A *uma lúlic* é o templo dos cultos indígenas. Materialmente, é uma casa que se distingue das outras casas porque reúne dentro de si objectos sagrados, fétiches, vulgares utensílios de uso indígena que, por qualquer motivo, passaram a sêr *lúlic*. Espiritualmente, porque se cerca de superstições. E estas são inúmeras. Se o tempo, no exercício da sua eterna função destructiva, não as fôsse eliminando, Timor nada mais seria do que uma massa compacta de *uma lúlic*!

Em quasi todos os reinos, junto ás residencias dos régulos, ergue-se a *uma lúlic* principal. Esta distingue-se fácilmente das casas particulares E' maior. E' feita com mais cuidado. O telhado eleva-se a uma altura desproporcionada em relação á base. E o fecho—em Timor os fechos das cubatas, feitos em madeira trabalhada, constituem as suas únicas notas artisticas — apresenta um particular esmêro de construção. Contudo, é perante o temôr que se apodera dos indígenas quando deles se aproximam que melhor podemos descobrir a existencia dos pomais, o que se nos torna comprehensível quando nos lembramos de que nas *uma lúlic* há sempre a recordação dos mortos e, em algumas, o dominio do feiticeiro, do *macái lúlic*, temido por toda a gente.

Foi proximo duma *uma lúlic*, alumiada por uma grande fogueira, que, naquela noite tropical de serenidade na natureza e de lassidão nas almas, se realizou o *estilo*, concedendo-nos uma primeira impressão de tristeza e desolação, quasi de horror.

Imagine-se um palco imenso em que se desenhe o cenário duma bacanal de fantasmas, com estilisações de sombras a esbaterem-se nas sombras e línguas de fogo a violarem a noite, com a fantasmagoria de danças macabras de espectros abraçados ás labaredas coleantes e

mudas; imagine-se uma mansão infernal, criada pela imaginação dum Mefistófeles humorista e melancólico em horas de profunda neurastenia, possuindo todos os segredos das *mise-en-scènes* de alucinação e terror, na espectacularidade grandiosa e indiferente da noite; junte-se a tudo isto a vizinhança da floresta, magnífica e misteriosa, e do pântano traiçoeiro, fábrica de febres e morte; pensemos ainda que, num dado instante, a realidade de tudo que imaginámos se desnuda aos nossos olhos desprevenidos, — e só assim faremos uma ideia do choque causado na nossa sensibilidade ao cairmos, pela primeira vez, no ambiente dum *estilo* nocturno.

Em redor, está a floresta, a selva. Esta palavra quer dizer: um mundo áparte dum outro mundo, daquele em que todos nós vivemos, um mundo feito de infinidades, sombras, surpresas e perigos. E a floresta tropical, quando a noite faz descêr sôbre os seres eflúvios de magia e sensualidade, parece vivêr horas de êxtase e volúpia que contagiam. Dir-se-ia que a floresta tem estremecimentos que são o seu respirar cansado, seguidos dum rumor surdo e pesado que lembra a existência de multidões murmurantes na escuridão. Há nela qualquer coisa de magnificente e indizível — a sua alma, ora silenciosa, ora rumorejante, que conquista e avassala a terra numa luta contínua contra o domínio do Homem, E, como em nenhuma outra parte, aqui a existencia humana é secundária. E' a árvore que desempenha o papel primacial da Natureza, nascendo e crescendo, enchendo o espaço, assoberbando-se de Sol e de côres. Depois luta — e tem as suas armas. Esconde junto ás raízes os pântanos quietos. As folhas são bêrços que adormecem a água até apodrecer, *fons-vitae* dos miasmas que matam e enlouquecem. Ao seu lado, toda a vida animal sofre como se não existisse no seu mundo. E quando a noite vem, — a floresta psalmodeia o seu fastígio e a sua gloria. Estremece e murmura... São os milhões de insectos a viver

no seu seio; é o rastejar dos reptis e o esvoaçar das aves; são as vozes humanas no interior das casas; é o soluçar das águas nos regatos e nas bicas; é, talvez, a seiva a caminhar de célula em célula das plantas...

\*

Ao fundo, uma casa e uma fogueira...

Em torno da fogueira, sentados, olhando fixamente as chamas, duas dezenas de homens entoadam uma cantilena monótona e triste. As mãos batem umas nas outras ou nas peles tensas dos tambores, desferindo sons cavos que causam arrepios. Ao lado, dez, quinze, vinte mulheres, em duas filas, tocam com os dedos em pandeiretas, abanam no ar conjuntos de guisos, mechem os braços para que as pulseiras tilintem, e, como dois raios duma roda em movimento, vagarosamente, ritualmente, vão girando em marchas ritmicas de avanço e recuo. Conservam uma postura hierática de sacerdotisas, cheia de requebros sensuais. Os olhos, numa abstracção que compunge, parecem continuamente atraídos por uma força fantástica que, atravez deles, dirija a movimentação coreografica do *estilo*.

E, alucinadamente, erguendo nuvens de poeira, chocalhando uma lata cheia de pedras e soltando gritos, um homem salta, estende-se no solo, contrai os músculos, torce as pernas e os braços, espuma pela boca aberta, transforma a fisionomia com esgares terrificantes... Julgar-se-ia infatigavel. Mas, a dada altura, coberto de suor e poeira, abandona a pista e deixa-se cair ofegante sobre a relva. Logo um outro o vai substituir. Agora é um *lábárac* de oito anos que se contorce e ri, move os braços, grita... Quando se retira, é um *catúas* que inicia uma série de trejeitos alucinados. Os seus membros decrepitos parecem revivificados por uma mocidade que voltasse. O tempo vai decorrendo, e ele demora-se no seu bailar louco sem se mostrar extenuado. Há na sua máscara um rictus infernal...



E as mulheres, indiferentes a tudo, semelhantes a automatos, lembrando cerimônias de sacrifícios, continuam no seu vai-vém ao som dos guisos, dos tambores e das cantilenas.

Um ruído contínuo de batêr dos pés na terra dura repercute com o dos tambores. A atmosfera torna-se compacta, quási irrespirável. O mundo enche-se de figurações sinistras, de projecções de sombras monstruosas, de écos que parecem estertôres de moribundos.

E sempre, sempre, o mesmo ritmo e as mesmas cenas...

Só uma vez por outra, demoníaco e repelente, aparece o feiticeiro, o *macai-lúlic*. Faz algumas contorções e expõe um grito gutural semelhante ao piar das corujas. Então o grupo de mulheres avança rápido e dá duas, três ou mais voltas á *uma lúlic*, no mesmo andar cadenciado, para de novo regressar ao terreno iluminado pela fogueira.

\*

Cheio de espanto, vi aquela rapariga que me acompanhou aparecer á frente do *macai-lúlic*, obrigando-o a desviar-se. E o mais alucinante bailado começou a desenrolar-se ante os meus olhos e os olhos dos indígenas, silenciosos, semelhantes a estátuas de bronze a sobressaírem da nuvem espessa de pó. Era, conjuntamente, o oscilar das palmeiras com os vendavais e o deslizar das ribeiras pelas escarpas; era o vôo das aves e a fuga das côrças nos montados; era o quebrar das ondas nas rochas, o desprender das pétalas pela aragem, as espirais do fumo em madrugadas húmidas. No dobrar lascivo dos rins, no fluctuar da *lipa*, no ondular do seu talhe fino e no estremecer dos seios, uma visão de bailarinas selvagens de outros tempos, de cortezãs da Héllade ou de bailadeiras indianas, surgia. E no meu espírito viveu uma sensação de irreabilidade. Jamais tinha pensado encontrar em Timor este espectáculo, expressão ao mesmo tempo olim-

pica e fúnebre do ritmo; e, em face duma realidade, vendo aqueles olhos de fulgores estranhos e aquele corpo quási nú num revoltar, ora lânguido e voluptuoso, ora trágico e espasmódico, julguei sonhar. A-pesar de tudo, não sonhava... E jamais esquecerei o pitéresco e o encantamento daquela noite tropical...

\*

Os *estilos* e os *têbedai* são os grandes espectáculos da vida indígena timorense.

Servem-lhes de pretexto todas as contingencias em que seja de temer a influencia dos espiritos, desde as sementeiras aos funerais.

Outrora, quando os reinos se reuniam nos grandes *estilos*, o espectro da guerra pairava sobre Timor. As fogueiras iluminavam á distancia. Os festins duravam dias, ás vezes semanas. As cerimoniaes presididas pelos *macái-lúlic* succediam-se. Um a um, os guerreiros cuspiam o bétel repelente numa bacia de barro ou num canudo de bambú. Depois o feiticeiro agitava o recipiente. Proferia palavras cabalísticas. No fim, introduzia um dêdo no bétel e marcava sinais na testa e no peito dos guerreiros, tornando-os invulneraveis. Era esta a cerimonia principal dos *estilos* de guerra, que duravam até que o *macái-lúlic* afirmasse estarem as estrelas propicias para os combates.

Hoje, ainda, os *estilos* cercam-se dum entusiasmo invulgar.

Espetados nos ramos mais proximos, dependuram-se búfalos, veados, porcos e galinhas, que, metódicamente, vão desaparecendo a caminho das fogueiras — onde crestem, espalhando um cheiro acre a carne queimada. Latas e bambús de *tuaka*, de *canipa* e de todas as espécies de alcoois arrancados á floresta, vão-se esvasiando. E os timores, geralmente sóbrios, capazes de passar dias sustentados por duas únicas bananas ou por uma

papaia, comem e bebem, comem e bebem indefinidamente.

A orgia constitui os entreactos. Os corpos extenuados e as almas perdidas em desfalecimentos lúbricos entregam homens e mulheres á satisfação de instintos de animalidade que, no decorrêr dos séculos, têm conduzido uma raça inteira á decadencia mental e ao definhamento físico.

Na floresta e no mistério do capim...



#### IV

## Aspectos da vida indígena

### OS BÁZARES

A caminho dos *bázares* descem a montanha, em filas indianas, estáticos como autómatos, os indígenas. Incansavelmente, marcham a direito, silenciosos, como em procissão de penitência. Deixam as estradas e os carreiros estreitos e tortuosos, escorregam e trepam pelas ravinas, contornam os precipícios, sempre em frente, para encurtarem caminho, com cestos sobre as costas, prêsos á testa por uma cinta de cizal ou de fôlha de palmeira esfiapada. As mulheres, com os seios trémulos e nús, mascarando o bétel, compassam o andar pelo dos homens. Umas, as mais novas, semi-núas, mostram os seios duros e pujantes; outras, as que já aleitaram filhos, escondem-os com as mãos que se cruzam sobre o peito. Raras tra-seem *cabaías* a vestir-lhes o tronco. Mas todas as mulheres e quási todos os homens usam *lipas* que cobrem os corpos da cintura aos pés. Entretanto, os *firracos* aparecem nús, apenas com um estreito pano a esconder-lhes o sexo. As crianças, os *lábarac*, de barrigas descomunal-

mente salientes, nós também, saltitam atrás e no meio das filas, medrosos e barulhentos.

Atravessam os povoados, as hortas, as plantações e as ribeiras; desviam-se para as bérmas das estradas quando ouvem o buzinar dos automoveis; estendem as mãos juntas e apertadas uma na outra em direção ao europeu que passa, saudando-o:

— Bom dia, ita bote!... (Bom dia, senhor!...)

E andam sempre, sempre silenciosos, sempre a direito.

Depois chegam ao *bázar*. E' cedo ainda. Sentam-se nos calcanhares, á espera que o comandante do posto ou o administrador da circunscrição dê o sinal de abertura do mercado. E quando o sinal resôa no toque de tambôr dos *moradôres*, um alarido alegre ergue-se da multidão.

\*

Nas sédes dos comandos, os *bázares* têm edificios, alguns monumentais. Nos postos, realizam-se á volta dos ingondoeiros, numa clareira da floresta ou junto a um mastro em que fluctua a bandeira nacional, hasteada em dias de mercado. Mas, quer seja á sombra dos telhados de zinco — quer sob a incidencia dum sol forte e agressivo, os *bázares* constituem a manifestação mais típica da vida timorense, impregnada de colorido e de movimento.

Rufam os tambôres dos *moradôres* — e a multidão abandona as lojas dos chinas, desfaz os grupos, corre para dentro do *bázar*. E, então, os olhos podem contemplar a mais exótica alacridade e os ouvidos ouvir a mais estranha polifonia de gritos e ruídos da existencia da gente timôr.

Os que vendem, alinham-se em talhões, ocupam os recantos destinados a cada produto, e conservam-se sentados sôbre os calcanhares, numa posição característica de descanso destes povos. Não anunciam os produtos e não chamam os fregueses. Conversam, riem, mascam a mistura repelente de areca e cal para a cuspirem em seguida, enchendo o chão de manchas vermelhas. As mães,

sem constrangimento algum, sustêm os seios e amamentam os filhos pequenos. Os *catúas* arrancam grandes fumaradas dos cachimbos. E todos esperam.

Quando um comprador se aproxima, aponta com o pé aquilo que deseja ou abaixa-se e ergue-o.

— Ossa ira? (quanto custa?)

— Pataca lima... (cinco patacas...)

Então o cliente finge desdenhar o produto e lança uma oferta:

— Pataca ida, meio ida. (uma pataca e cinquenta avos).

Raramente diminui a quantia pedida. O freguês, se acha caro, retira-se. Se na verdade havia uma exigência demasiada, deixa decorrer uns minutos e, ao voltar a perguntar o preço, receberá uma resposta agradável.

E, no *bázar*, a gente acotovela-se, animada. Com o europeu, cruzam o indiano, o árabe, o chinês, o timor. Desaparecem as hierarquias. O fato branco, engomado, do europeu, mistura-se com o caqui dos chins, o quimono ou o pijama das chinêsas de olhos oblíquos, os balandraus e os fêzes brancos dos árabes, os *combatis* e as *cabaías* javanêsas e timôres, ou, ainda, com a pele escura dos *firracos* e a pele negra dos moçambicanos e angolanos. Pisam o empedrado ou o cimento os sapatos de lona e borracha dos ocidentais, as sandálias e os chinelos dos chins, as socas das *nonas* e os pés descalços, num amálgama cosmopolita e simpático.

E tudo se revolve na tarefa do negócio. Só o europeu não compra, nem vende. Não o leva ali uma finalidade de interesse comercial, mas apenas uma curiosidade ou uma imposição de ordem sentimental. Vai ver as *nonas* que já existam e as possibilidades de *nonas* que porventura apareçam. Por isso, não olha os géneros agrícolas e pecuários ou os artefactos expostos. Procura, apenas, as mulheres.

Vestidas de côres berrantes, vaidosas, provocadoras, espalhando em redor olhares ardentes, passam as *nonas*



que já têm senhor, mas para as quais são dōces as galan-  
terias dos outros *senhores* e agradáveis as infidelidades.  
Sobre os corpos reluzem-lhes as sêdas e brilham as  
joias. Meneiam-se, olham, sorriem. Nos penteados, de  
longas tranças de cabelos prêtos ou já cortados á *gar-  
çonne*, conjuntos de ornamentos de ouro e prata lembram  
diademas e faíscam aos raios do sol. Com gestos quási  
distintos fumam cigarros. E, ao andar, deixam evoluar-se  
um odôr penetrante de água de Colonia e loção de violê-  
tas, enquanto o suor humedece o pó de arroz das faces.

Olhando mais insistentemente e rindo-se mais provo-  
cantes, passam as *nonas* que desejam *malai*, porque fo-  
ram abandonadas pelos que tinham. Apresentam-se,  
muitas vezes, com atitudes lascivas e ternas, perseguindo  
alguem de quem gostem ou alguém que já as tivesse  
olhado demoradamente.

Escondidas, temerosas e ansiosas ao mesmo tempo, ao  
lado das vendedeiras, estão aquelas que os progenitores  
julgam dignas dum *barlaque* com um europeu, com um  
indiano ou com um china. Ainda não trazem sêdas e  
joias. Mas o pai vai dizendo preços, e um dia aparecerá  
um *malai* que faça com que não regressem á cabana da  
montanha, pagando bem a virgindade que se evola aos  
doze e treze anos e as suas companhias durante muito  
tempo, concedendo-lhes, juntamente, um prestígio por  
que anseiam.

Elas passam...

São elas, e só elas, que levam o europeu aos *bázares*!

\*

Ao centro do *bázar* há uma fonte, onde se vão desse-  
dentar as bôcas resequidas pela masca. Ao lado, as ten-  
das e os estabelecimentos dos chinas e dos árabes, onde os  
indígenas vão trocar por panos e bugigangas o dinheiro  
ganho nas vendas, comprar as garrafas de álcool, os pa-  
cotes de cigarros, os florins e as patacas de prata mexi-  
cana para fazerem os adornos.

É por toda a parte, sob os telhados de zinco ou ao ar livre, o mercado prolonga-se até altas horas da tarde, sempre cheio de alarido enquanto o sol não aperta muito, sonolento depois.

Aqui, expõem-se as frutas saborosas, os ananazes, as bananas, as ameixas, as anonas, as papaias, às vezes uvas e morangos, pêçegos e melancias... Ali, as hortaliças, verdes, encarnadas, amarelas, rôxas, têm arco-iris no chão, ou sobressai o branco dos ovos, cacarejam as galinhas e pipiam os pássaros. Além, o café Libéria e o café arábico espreitam pelas aberturas dos sacos, amontoam-se as cebolas e as batatas. Mais além há cabritos e carneiros, porcos, veados e côrças assustadas, com os olhos muito meigos e muito abertos, cavalos a retouçarem a relva e búfalos estirados na terra húmida. Depois aparecem os trabalhos indígenas em cizal e vêrga, os cestos de inumeros feitios e tamanhos, simples ou complicados na sua contextura, as bolsas de rafia para o tabaco e para o dinheiro; aparecem rendas e bordados, os *panos timores*, que constituem o trabalho mais típico das industrias domesticas da ilha, pulseiras e escravas, pingentes, argolas para guardanapos, pentes, caixas, etc., em ouro, prata, tartaruga ou ponta de búfalo, com desenhos, incrustações e embutidos ingênuos, com feitios curiosos e simplistas.

E tudo isto se vende e se compra, no meio de gritos e de gargalhadas, enquanto o europeu, sentimental e desejoso de gosar no ambiente misterioso e sensual do Oriente, busca uma mulher...

\*

Os soldados timores e os expedicionarios de Moçambique, vátuas e landins, concorrem para a construção do ambiente exótico do *básar* de Dili.

Os primeiros, pouco robustos; os segundos, fortes e corpulentos, estátuas bronzeadas de carne, evidenciando musculaturas de Hércules, com um eterno sorriso infan-

til nos lábios grossos. Passeiam nas alas do *bázar* os botões dourados e os calções e casacos de caqui amarelo do fardamento, perfilados e quási solenes.

E, a regular a ordem, de onde a onde, autoritários pela posse dos *casse-têtes*, os policiais indígenas postam-se atentos e imponentes. Parecem indiferentes á carne que se descobre tentadora e provocante, ás gargalhadas e aos sorrisos. Servem-se do mesmo olhar para as *favoritas* e para as que não recebem galanteios de ninguém. Prendem os indígenas que se envolvem em questões, o china que se exalta e insulta os vendedores. Aproximam-se dos grupos onde as vozes se elevam mais iradas, determinam os lugares a ocupar pelos géneros em mercado. Entretanto, de quando em quando, transformam-se — e exercem funções de agentes de turismo ou de cicerones de museu. E são os mais lúdimos intermediários em transacções amorosas e intérpretes amáveis e... interessados:

— Ao pôr do sol!... Obrigado!...

\*

Dez horas... Onze horas... Meio dia...

O *bázar* desfaz-se pouco a pouco e enchem-se as lojas dos chinas. Bebem-se sôfregamente canecas de aguardente, de alcool de arroz, de *canipa* e *tuaka*. Começam a surgir apostas para as lutas de galos e dirigem-se desafios de grupos para grupos de aficionados. E, nos balcões, as agulhas dos gramofones vão riscando discos sôbre discos. Tocam-se canções javanêsas, sentimentalistas, romanticas, em que há ocosos em mares que embalam, virações dôces, lamentos de fontes, espirais dôces de fumo de sândalo nos templos. Um canto hindú recorda romanzas nórdicas, estrofes de baladas. Gritantes, sempre iguais, ecôam cânticos chinêses, em que se presentem cenários de balões de papel, de casinhas de papel de pagodes com telhados cheios de bicos, de *juncos* voando em rios muito largos, por entre arrozais. E, no meio de tudo isto, um *Columbia* ou um *His Master's*



*Voice*, aventureiro perdido num mundo longínquo, quasi irreverente, dir-se-ia enlouquecido, traz-nos até às cercanías dos *bázares* Beethoven e Schubert, Wagner e Sarasate, um tango argentino, uma morna caboverdeana, cantares de Coimbra, *paso-dobles* espanhois ou um *fox-trot* americano e desconexo.

Mas, de repente, a multidão, alucinada, corre para o largo ou para a estrada. Grita, salta, empurra-se num entusiasmo indescritivel. Forma um circulo. E o silencio, a seguir, torna-se pesado. Quebram-o, agora uma, depois outra, vozes isoladas que falam em búfalos, em *picos* de café, em dinheiro. E dois galos, até então conservados a distancia um do outro, encontram-se no meio do circulo. Batem as azas, escarvam o solo, alongam os pescôços com a penugem eriçada. Depois saltam, embatem-se, espetam nas carnes os bicos e os esporões afiados. Fios de sangue começam a deslizar pelas penas, salpicando o chão de pontos encarnados. Tombam, voltam a erguêr-se, tornam a cair,—enquanto a multidão delira, grita, se contorce, se espoja na terra e bate palmas numa manifestação de entusiasmo demoníaco. E, cada vez mais ferozes, os contendôres, ofegantes, ansiosos de extermínio, ébrios na carnificina, vão-se dilacerando, prêsos um ao outro pelas garras que profundamente se lhes enterraram nas entranhas. Pensar-se-ia que não são dois galos que lutam, mas duas hienas, contempladas por duas centenas de tigres enfurecidos de prazer. Até que um dos galos desfalece e cái em estertor. Então, na multidão há só duas expressões: a dos que ganharam apostas e a dos que perdêram. Os primeiros riem, dirigem insultos ao galo vencido, agarram-o, esquartejam-o ainda palpitante. Os segundos afastam-se, derrotados...

Termina o bárbaro espectáculo—o unico bárbaro costume timor que as autoridades ainda não puderam proibir, e que, com o pagamento duma licença para a sua realização, constitui uma fonte de receita orçamental.

E o dia de *bázar* vai terminar também.

O sol, triunfal, aureolado por um clarão de carmim e ouro, dirige-se vagarosamente para o poente, para um mar sereno que, ao fundo, se confunde no azul-desmaiado do firmamento...

...e os indígenas, estaticos e silenciosos, em filas indianas, como autómatos, processionalmente, vão a caminho das povoações, sempre a direito, subindo e descendo as encostas esfumadas na penumbra do crepúsculo.

## A Cidade e as Serras

Quando, apoz dias de mar alto, se começa a divisar a ilha verde de Timor, pensa-se em recantos paradisíacos e em albergues de caminheiros. Nada ha mais belo e acolhedor do que Timor visto do mar. Encostas a pique, coloridas, erguendo nos cimos as silhuetas esguias dos coqueiros e das palmeiras ou as sombras largas dos ingondoeiros. Planícies junto ao mar, junto às areias, sulcadas pelos leitos faiscantes das ribeiras. Aqui e ali, casas brancas. Por toda a parte, casas pequeninas de palapa dos indígenas. E, sempre, uma expressão suáve de serenidade a emergir das coisas...

Encontrei, pela primeira vez, Timor nas luzes veladas duma manhã, esfumada nas névoas cinzentas do alvorecer. Um manto de frescura caía sobre a superficie do mar, flúidico e acariciante. O marulhar da água, duma agua pastosa, ondulando pesadamente, era uma harmonia estranha e embaladora. Depois, primeiras visões nítidas de terra. Um farol lançando ao longe os seus ultimos avisos de luz. A baía de Dili, longa, profunda, doce, deixando, de onde a onde, sobressair os baixios de coral e espelhando os ingon-



doeiros gigantes das praias. Reflexos. Sombras a diluírem-se em claridades côr de cinza. E uma cidade que se adivinha escondida sob a verdura, de que só se vê um ou outro pedaço de parede branca ou de gradeamento coberto de trepadeiras.

Então, senti essa cidade a acordar... Houve uns remos que bateram a agua, um gasolina que se aproximou com o piloto, um grupo de escolares que foi lançar-se ao banho matinal. E uma sensação de princípio assoberbou-nos o espirito. Na verdade, vivia o princípio dum novo dia e duma nova vida... Dum novo dia que acabou depressa para dar lugar a outro igual, com um amanhecer identico. Duma nova vida que não sabia bem quando havia de terminar...



Estas ruas de Dili, rudimentares, rectas, sombreadas e limpas, fazem esquecer o aspecto pobre e vulgar dos edificios. A cidade está ainda na primeira faze do urbanismo. E tudo, nela, exteriorisa um ar de resignação. Dir-se-ia que a cidade prescinde de edificios luxuosos, porque crê mais urgente a construção duma estrada para o interior, duma nova linha de telefones ou duma nova obra de fomento na Montanha. Mas, depois de se conhecer Timor, pensa-se que Dili tem motivos para protestar. Percorre-se a ilha e encontram-se construções como Dili não possui, desde os dos *bázares* aos das escolas. Porque? Dili podia passar sem o monumental, sem a grandiosidade. Entretanto, passa tambem sem o imprescindivel. A mediocridade generalizou-se. O proprio Palacio do Governo e Quartel General, com as paredes esburacadas e os tetos apodrecidos, fala-nos da ausencia de boa vontade e de inteligencia a orientarem a vida publica da colonia. O desleixo é norma. E', tambem, um contrasenso em colonisação. Mas que importa? Timor é um paraíso perdido, um paraíso que a idiotia exportada pela Metrópole e pela India vai estragando cada vez

mais. A Camara Municipal, a Escola Municipal, o Quartel de Artilharia e, perto, o presídio de Aipêlo, são as unicas e relativas notas de grandêza official, pouco a pouco apodrecendo com o abandono. O resto, exceptuando-se algumas casas particulares, constitúi uma vergonha que entristece.

A culpa, porém, não é da cidade.

\*

Tudo que é triste se esquece, principalmente quando se encontra um pouco de beleza que reconforte...

E junto de nós está a baía de Dili e está Tíbar — dois poemas de côres, duas paisagens grandiosas. Pensar-se-ia que a montanha, com as suas florestas, com os vales exuberantes e as encostas abruptas, quere acabar á beira-mar num grito de harmonia. E ela desce os declives e vem extinguir-se dôcemente nas praias, com os seus derradeiros bosques e as suas ultimas côres.

Extensas, em anfiteatro, as baías de Dili e Tíbar impressionam pela beleza que encerram. E Tíbar, com as suas ilhas de verdura, e Dili, com os fundos de coral, uma e outra espelhando a aridez ou a exuberancia dos montes, são a gloria da capital de Timor.

Quando sôbre a terra cai o luar em eflúvios de reflexos e as estrelas brilham na palidez doente das noites brancas, Dili e Tíbar são visões de sonho. As águas cintilam em vias lácteas trémulas. As silhuetas dos barcos distendem-se e apagam-se ao longe. Os recifes parecem emergir do sono das águas quiétas. E, então, a aragem marinha deslisa mais leve e suáve, arrastando consigo os perfumes das hortas e dos cafezais. Caminha-se. Caminha-se sempre. E, á sombra dos ingondoeiros de Bidau e Lecidére ou nos flancos de Tíbar, sempre se encontra alguém...

Estamos no Oriente, onde, quer sob os raios fortes do sol — quer nas sombras das noites luarentas, jámais deixa de haver alguém que espera!...

No fundo, Dili é uma transigencia forçada da selva com a colonisação. E' uma cidade adormecida na floresta. Só se vê quando estamos dentro dela. De resto, árvores, árvores. Escondida debaixo das árvores, imersa nas sombras, prolonga as ruas extensas entre as casas, entre os *pagáres* floridos e os quintais. Nas ruas centrais ainda se podem vêr os edificios. Nos bairros excêntricos, a cidade deixou de existir. Existe apenas um bosque imenso, com ruas e casas escondidas na verdura.

Mas uma população barulhenta, nervosa, perfeitamente oriental, vem ás portas dos quintais e vem á rua, recordando-nos que a cidade é uma realidade — porque, pelo menos, é um aglomerado de gente.

E esta gente representa vinte raças diferentes, veste de vinte maneiras, fala vinte linguagens, tem vinte filosofias ou vinte modos de vêr e sentir a vida. Agora, passa o árabe fatalista, com o seu fêz branco, a sua pele morena e os seus gestos serenos. Ali, o chinês, pequeno com a vida prêsa nos olhos oblíquos e inquietos, ri á porta da tenda, fuma em compridos cachimbos ou lê os jornais de Pequim e Cantão. Mais adiante, o timor, o javanês, o kisseriano, o malaio de Makassar ou de Samatra, miúdos, quási pretos, com as *lipas* garridas, falam em gritos, riem em gargalhadas, andam em correrias. Ao lado, os pretos de Africa, expedicionários de Moçambique, parecem bonecos feitos a nanquin, são *bibelots* gigantes de arte colonial. O indiano europeizado e o europeu completam o quadro. E este conjunto, certo em todas as cidades do Oriente, em Dili — miniatura de cidade oriental — é uma característica colorida e sonôra da capital timorense.

Grandiosos e maternais, abrindo tuneis de folhagem, os ingondoeiros espalham sombra e abrigam os ninhos dos morcêgos. Estes erguem vôo aos bandos e, semelhantes a nuvens, marcam no solo os rastros efêmeros das suas sombras. Gritam. Gritam pungentemente nos



instantes de lubricidade. Isolados, de azas abertas, parecem aviões, ao longe, num deslizar sereno.

Nas esquinas, os polícias indígenas, vestidos de caqui amarelo, parodiando autoridade, quási solenes, distribuem o transito — que vai desde o automovel à *charrette* e ao cavalo assustado com o trepidar dos motores.

De quando em quando passam filas de crianças a caminho das escolas. Crianças de muitas raças, como os homens, como as mulheres. Vestidas de *cambati* e *cabaia* de seda, as mulheres indígenas, com os séquitos das criadas, visitam os estabelecimentos. As chinezas, roliças dentro dos quimonos e dos pijamas, marcham apressadas. As árabes, uma vez por outra, quebram a clausura e mostram ao sol e aos homens as faces veladas. E, encostados às colunas dos átrios, os europeus olham quem passa... Mas tudo isto, que é simples, só se consegue fazer em Dili com muitos ruídos, com muitos gritos e gargalhadas.

A' volta, o Sol cai em inundações de luz e calor...

E' assim a *Cidade*.

Mas, Timor, Timor sugestivo, não é sòmente Dili. Mais do que Dili é a Montanha, são os horizontes, é a paisagem e a vida indígena, as povoações e a floresta, as ribeiras, as cascatas e os cafézais. E nisto, Timor é um mundo de motivos, um universo de sugestões,

Os climas e as paisagens variam de altitude em altitude, de lugar para lugar. Desde o litoral, quente e doentio, aos cimos do Teta-Mai-Lau e do Cablac, com o frio, os nevoeiros, a neve, há uma infinidade de climas, uma infinidade de panoramas, uma infinidade de sugestões. Naquele pico do Teta-Mai-Lau está a máxima altitude de Portugal, o ponto onde Portugal, materialmente, fica mais próximo das estrelas. Tem mais mil metros do que a Serra da Estrela, quasi dois mil metros mais do que o Marão. E, só por si, já estes numeros são sugestivos. Pensemos, contudo, que se gastam três e mais dias para

atingir o Teta-Mai-Lau; pensemos nos perigos das travessias de precipícios e dos nevoeiros, na variedade dos horizontes que, a cada passo que damos, se sucedem diferentes; pensemos no ineditismo da viagem... Concluiremos que só com uma noção de batalha ganha gosa-remos aquele momento em que, de cima das nuvens, vemos as duas costas desta ilha de mais de três dezenas de milhar de quilómetros quadrados, vemos, dum lado, o Mar de Timor e, do outro, o Mar de Sonda.

Dali, os nossos olhos podem observar todo o territorio do Timor português, onde difficilmente se poderá distinguir um só dos seus seiscentos mil habitantes, como se nos curvassemos sobre um mapa. As cidades, as povoações, as ribeiras e as florestas passam como manchas coloridas. Bobonaro, Bázar-Téte, Ermera, Maubara, Fatu-Besse, Fatu-Bilicu, Lautem, Baucau, Pulo-Jaco, Pulo-Cambling, esfumam-se na distancia. Mais longe, o Timor holandez, as ilhas de Kisser, Alôr, Solôr, Flôres... Mais longe ainda, nos círculos dos binóculos, a Austrália... Perto, as nuvens e o nevoeiro...

\*

Mas, olhemos as paisagens... Onde estão os pintores deste paiz estranho? Porque não deixam as imagens baffientas dos salões, das almas conselheiráticas e das madonas decrépitas, as naturezas mortas e as perspectivas que tôda a gente vê todos os dias, — e não buscam as ravinas escorrendo seiva e a vegetação gritando vida, uma vida que ainda ninguém interpretou?

Olhemos um pouco a paisagem... As espécies florestais são um campo infindo de expressões plásticas, traduzindo-se em coloridos fantásticos, cheios de sol, cheios de luz. Aqui, os eucaliptos australianos, perdidos na desolação das clareiras, lembrando alucinações e desespêros nas contorções dos ramos, imagens de paralíticos e de aleijados em romaria. Depois, as plantações de coqueiros esguíos, ansiedades de altura, teorías de para-

lelas erguidas ao alto, em busca do céu. Além, os cafezais em flôr, espalhando estonteamento, semelhantes a jardins onde as plantas se alinhassem como soldados em parada. Sobre eles cái a sombra das árvores protectoras, de ramos abertos como braços de cruzes. A seguir, a selva, os bosques fechados, cheios de labirintos e frescura, salas de museu com quadros, muitos quadros, óleos, aguarelas, *gouaches*. Guardam os ninhos como se fôsem maternidades e azilos das aves. São poemas de côres e poemas de sons: de manhã, no alarido do acordar, desfazendo-se em gritos e em largadas de vôos; á tarde, na serenidade das penumbras e dos silencios nostálgicos; ao anoitecer, na orquestração plangente dos ruídos vagos, indefinidos, com reflexos de sol-posto em horizontes de vermelho e ouro sôbre as águas quietas do Indico e do Pacífico. Mais adiante, as extensões do capim e dos cactos... E em toda a parte, côres, claridade, sombras...

São assim as *Serras* de Timor, muito mais belas do que a *Cidade*.

E nelas vivem seiscentas mil almas ao sabor das horas que passam...



## Elucidário

(das palavras de uso local empregadas no texto)

- Barlaque* — Casamento gentilico.  
*Bázar* — Mercado.  
*Beiro* — Embarcação indígena, feita em tronco de árvore escavado.  
*Cabáia* — Espécie de blusa do vestuário indígena.  
*Cambati* — Espécie de saia do vestuário indígena.  
*Canipa* — Aguardente.  
*Catúas* — Velho.  
*Corcôra* — Pequena embarcação á vela.  
*Dató* — Chefe de povoação.  
*Estilo* — Festa correspondente aos batuques africanos.  
*Firraco* — Indígena montanhês.  
*Lábarac* — Rapaz.  
*Lipa* — O mesmo que *cambáti*.  
*Liurái* — Chefe.  
*Lulic* — Sagrado, pertencente às superstições.  
*Malai* — Estrangeiro.  
*Maromac* — A principal divindade dos cultos indígenas.  
*Moradôres* — Indígenas em serviço dos postos e comandos, constituindo o chamado «Exército de 2.<sup>a</sup> linha».  
*Nêli* — Arroz por descascar.  
*Nona* — Mulher indígena que vive com europeu ou indiano.  
*Pagar* — Sébe feita de plantas.  
*Pico* — Medida de pêso — correspondente a 63 quilogramas, aproximadamente.  
*Suco* — Povoação.  
*Têbedai* — O mesmo que *estilo*.  
*Toqué* — Pequeno réptil do arquipélago malaio, muito disseminado em Timor, e cujo nome deriva, onomatopaicamente, dos gritos com que se manifesta nas árvores e nos telhados.  
*Tuaka* — Bebida fermentada.  
*Turic* — Faca, alfange, punhal.

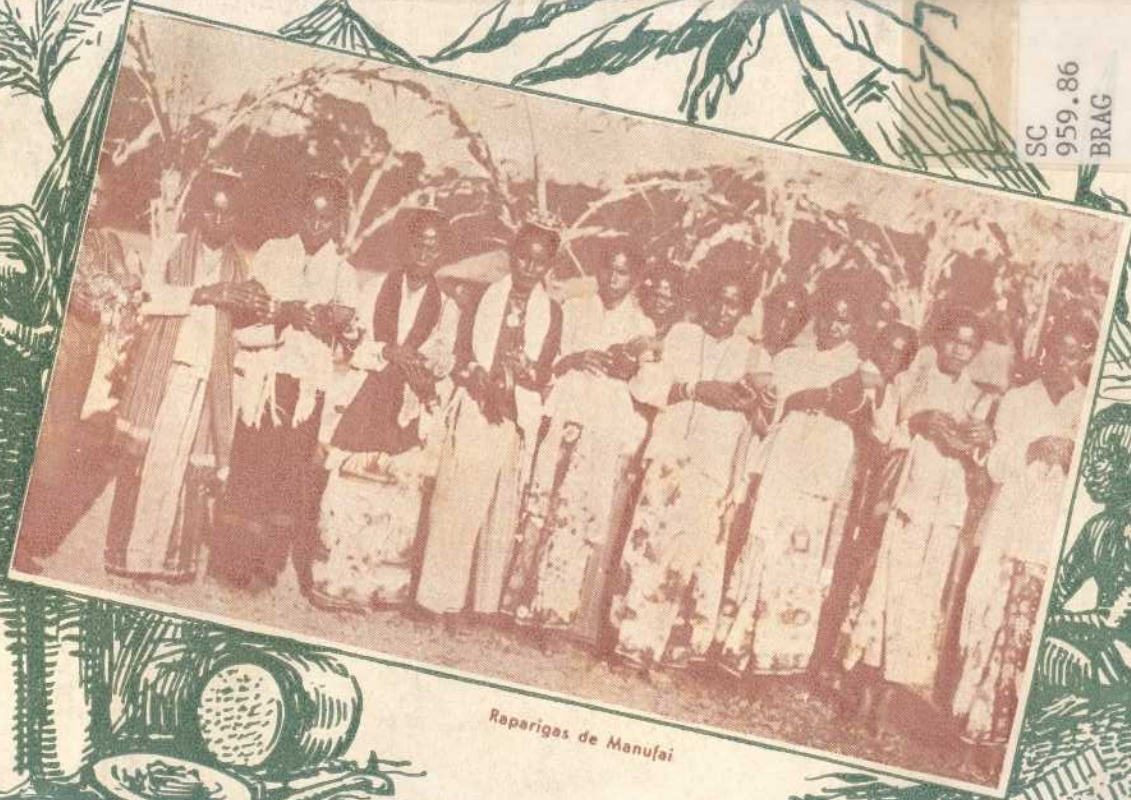
NORTHERN TERRITORY UNIVERSITY LIBRARY

NORTHERN TERRITORY UNIVERSITY



C000340501 X

SC 959.86  
BRAG



Reparigos de Manufai